



## Dr. Silva Peixoto, jornalista e escritor

in F. Faria Ribeiro, "Em dias passados", 2007,  
p. 199. Núcleo Cultura da Horta

Nasceu na Horta, freguesia das Angústias, no dia 27 de Agosto de 1915 o Dr. José da Silva Peixoto que foi advogado, jornalista e escritor. Matriculou-se, pela primeira vez no Liceu desta cidade em 1927, juntamente com outros 37 colegas de que se destacavam, por ser pouco usual ao tempo, seis raparigas. Teve por companheiros os professores José Benarús e Manuel Ávila Coelho, o jurista e político Delfim Linhares de Andrade, o técnico superior da Aeronáutica Civil Manuel Filipe Goulart Madruga, o oficial do Exército Jaime Rosa Ferreira Gama, o empresário João Pires Quaresma ou o grande jornalista Raul Xavier<sup>1</sup>. Depois do ensino secundário na Horta, teve de ir concluir o curso complementar dos liceus em Ponta Delgada. Em meados da década de trinta do século passado estava em Lisboa, sendo aluno universitário, onde concluiu a sua licenciatura em Direito. Na capital do País, e sem descurar as suas actividades discentes, daria largas à sua veia jornalística e poética que cedo desabrochava, era ele ainda aluno do Liceu da Horta. Foi em Lisboa que mais se impôs, pela sua inteligência, cultura, e amor à Terra Natal. Nomeado correspondente do Correio da Horta, de lá enviou para o diário faialense variadíssimas crónicas, de que sobressai a mais completa e circunstanciada das reportagens de todos os jornais portugueses sobre os trabalhos do célebre Primeiro Congresso Açoriano realizado em Lisboa em 1938. Viveu os 11 dias do Congresso com tal intensidade e empenho que não falhou nenhuma das sessões, participou em todos os eventos culturais e sociais e tudo isso reportou circunstanciadamente para o Correio da Horta. Concluído o curso universitário, voltou ao Faial. A par da sua vida profissional, retomou as actividades culturais. No Teatro e na Imprensa depressa confirmou o seu talento, e nessas duas escolas que se completam, derramou ao longo da vida muito do seu vastíssimo saber. Na imprensa local e regional existem inúmeros testemunhos do que afirmamos. Também na arte de talma, estas ilhas, em especial o Faial e São Miguel, são-lhe credoras de larga contribuição. Ele foi autor, encenador e crítico, tudo fazendo com nível e grande disponibilidade. Para se chegar a esta constatação, basta folhear os seus interessantes e ricos depoimentos insertos nos livros de Carlos Lobão sobre as actividades teatrais que, durante os anos trinta e quarenta do século passado, tiveram lugar nos clubes faialenses Atlético e Sporting. Além das adaptações de variadas peças que, ainda estudante adquiria em Lisboa e que depois eram representadas pelo Grupo Cénico do Atlético – que marcou posição de relevo na vida cultural faialense de 1935 a 1945 - Silva Peixoto escreveu as seguintes comédias e operetas, inspiradas em motivos regionais: "Margarida vai à fonte" (1938), "Romaria" (1938), "Baleeiros"

(1939), "Cidade maravilhosa" (1940), "Casa tu próprio" (1942), "Sacrifícios" (1943), "Intrusos" (1944), "Maior Amor" (1945), "Bom Tempo no Canal" (1946), "Viva a folia" (1946), "Os Mártires da Pátria" (1946), "Regresso" (1947), "Mobilização Geral" (1948) e "Loiça da Vila" (1954). Integra a "Antologia Poética dos Açores", coordenada pelo professor Ruy Galvão de Carvalho, com os poemas "Manhã de Noivado" (1946), "Sonata na Noite" (1939) e "Luz ao longe" (1939). Era ainda muito novo quando começou a escrever na "Mocidade Académica", jornal dos alunos do Liceu da Horta, e aí publicou os seus primeiros versos. A sua obra poética está contida em "Flores da Primavera", "Cartas de Amor" e "Últimos Versos". Após a conclusão do seu curso, regressou à Horta em 1939 e logo se empenhou em criar no Faial um organismo que, como escreveu, "promovesse uma maior democratização da cultura geral, sobretudo literária". Para quem vinha de Lisboa, era confrangedor verificar que "os grandes escritores contemporâneos eram inteiramente desconhecidos na Ilha do Faial, tanto os nacionais, como os estrangeiros". Escrevia ele que "em matéria literária tínhamos um atraso de meio século"<sup>2</sup>. Daí a premência de um instituto de cultura, que surgiria oficialmente em Dezembro de 1939 e que teve como principais fundadores Silva Peixoto, Júlio Andrade, Amílcar Goulart, Marcelino Lima, Osório Goulart e Santos Silveira. Durou pouco tempo a actividade do "Núcleo Cultural Dr. Manuel de Arriaga", pois soçobrou após alguns meses de existência – que se resumiu à organização de um sarau músico-literário comemorativo do nascimento de Júlio Dinis e à publicação semanal de uma página literária nos dois jornais faialenses. Teve, portanto, reduzida duração o Núcleo Cultural, em boa hora sonhado e concretizado por Silva Peixoto. Dele ficou a semente que só daria novamente fruto em 1955, com a criação do actual "Núcleo Cultural da Horta". Cinco anos antes, por força da sua vida profissional, o Dr. Silva Peixoto tinha-se fixado em Vila Franca do Campo, onde foi notário, advogado e Presidente da Câmara Municipal, de 25 de Janeiro de 1958 a 4 de Outubro de 1965. Neste ano foi transferido para o Continente, colocado na comarca do Cartaxo e, anos depois, no 23.º Cartório Notarial de Lisboa. Quando, em férias, vinha aos Açores, não escondia a nostalgia e a saudade de não ter conseguido realizar-se profissionalmente nesta sua terra, certamente porque, em pleno Estado Novo – ele que foi prestante funcionário público – não conseguiu, apesar dos empenhos do Governador do Distrito Eng.º Mascarenhas Gaivão, do Presidente da Câmara Dr. Freitas Pimentel, e de organismos vários, ser nomeado Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, funções que exerceu interinamente durante alguns anos. Alguém o prejudicou, em benefício de outrem que nada tinha a ver com o Distrito da Horta. Por isso, teve de sair da sua terra, tendo perdido "uma colocação esplêndida, a favor de um certo senhor que lá estava com ajudas de custo". As suas qualidades cívicas e morais, bem como as de poeta, jornalista e escritor, foram sempre devidamente reconhecidas, tanto nos Açores, como no Continente Português. Faleceu em Lisboa, no dia 15 de Janeiro de 2000. Contava 84 anos e deixou viúva Marina Arménia Raposo da Silva Peixoto, sendo pai de José Manuel Raposo da Silva Peixoto (actor), Eng.º Mário Fernando Raposo da Silva Peixoto, Marina Luísa Raposo da Silva Peixoto (jurista), Rui Pedro Raposo da Silva Peixoto (técnico de turismo e actor) e Maria José Raposo da Silva Peixoto (magistrada). Por ironia do destino, a notícia da morte deste faialense ilustre quase passou ignorada nos diários faialenses – salve-se uma breve nota do Correio da Horta – onde ele manteve, ao longo de toda a vida, assídua e destacada colaboração!

(Agosto 2005)

<sup>1</sup> "Correio da Horta" 1950, Dezembro 4 (5.513), p.4  
<sup>2</sup> Idem, ibidem, p.4

### Sobre José Silva Peixoto pode ainda consultar

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dWYXQIH4wJ:www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx%3Fid%3D10559+%amp;cd=4&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>